



A lua desvanecente

Traduzido por Sindhu Porter

Esta história foi contada durante o satsang Fique no Templo em Honra ao Gurupurnima, dia 4 de julho de 2020.

Havia poucos meses que Chiyono trabalhava como servente naquele convento Zen nas montanhas. Fazer qualquer coisa que fosse necessária no mosteiro, a qualquer momento, foi o que a atraiu para aquela vida austera e enclausurada. Conforme realizava suas tarefas de ajudar os demais, de varrer e lustrar o chão de pedras lisas, ela não pensava em nada que não fosse seu anseio pela iluminação. Com fervor, buscava o caminho que a levaria à sua meta.

Um dia, Chiyono se encheu de coragem e foi falar com uma monja idosa que vinha andando em sua direção, a caminho dos jardins externos. Em um tom suave, Chiyono perguntou:

— Minha origem é humilde, não sei sequer ler ou escrever. Mesmo sem ter instrução, será que existe alguma maneira de, um dia, eu alcançar o caminho do Buda?

Sorrindo, a monja exclamou:

— Que maravilhosa pergunta, minha cara! No budismo, é essencial aferrar-se ao desejo de despertar. Para conhecer sua verdadeira natureza, durante suas práticas, volte-se à fonte de seus pensamentos. Lembre-se que, em cada momento, existe apenas uma natureza completa.

Ao se lembrar das palavras da bondosa monja, Chiyono resolveu se dedicar com mais atenção ainda a todas as suas tarefas diárias, grandes ou pequenas. Em cada ação, ela aplicava aquele ensinamento e se entregava por inteira. Tudo que ela se focava era: enxotar pensamentos que a desviassem de sua preciosa meta.

Em uma serena noite de lua cheia, Chiyono pegara seu balde para ir enchê-lo lá fora. No caminho de volta, ficou absorta no reflexo da lua na água que trazia no balde. Que radiante e cheia estava a lua! De repente, as ripas de bambu do fundo do balde estalaram e arrebentaram. Até a última gota de água caiu no chão e desapareceu. Naquele momento inesperado, também o reflexo da lua sumiu. Junto com a água, a lua resplandecente desvaneceu-se instantaneamente. Ao ver isso, a jovem alcançou o estado de iluminação que tanto ansiava.

Chiyono compôs um poema para descrever sua experiência:

Fiz isto e aquilo,
Tudo para proteger o balde de bambu,
Na expectativa de que nunca quebrasse.
Repentinamente, o fundo caiu:
Nada mais de água.
Onde a água não mais acumula, a lua não mais demora.
Apenas o vazio existe em minha mão.

